

## “Graffiti” e “Pixação” nas páginas do Jornal de Estudo: A construção de uma reportagem na contramão da imprensa local <sup>1</sup>

Caio Cardoso de Queiroz<sup>2</sup>

Ana Lúcia Pitta<sup>3</sup>

Gisele Rocha de Souza<sup>4</sup>

Júnio Nogueira da Cruz<sup>5</sup>

Aline Silva Correia Maia Silva<sup>6</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** A produção da reportagem ‘Graffiti ou pixação?’ por uma equipe de estudantes da Faculdade de Comunicação na disciplina de Técnica de produção em Jornalismo Impresso teve o intuito de estabelecer o debate sobre ocupação urbana. A reportagem para a editoria Especial foi a forma encontrada para informar a comunidade acadêmica e construir um espaço de discussão entre os espaços interno e externo da Universidade sobre um tema que toca toda a cidade: o aumento de pixações e graffitagens em Juiz de Fora. A reportagem foi realizada para o jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFJF, na sua edição de abril de 2013.

**Palavras-chave:** pixação; graffiti; UFJF; jornalismo impresso; reportagem especial.

### 1 INTRODUÇÃO

‘Graffiti *versus* Pixação’ é uma reportagem especial de característica informativa, produzida por uma equipe de quatro alunos do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) sob orientação da Professora Aline Maia. A reportagem foi publicada na edição Nº 227, ano 48 (mês de abril de 2013) no Jornal de Estudos da Faculdade de Comunicação Social da UFJF. A prática laboratorial pode ser

---

<sup>1</sup> 1 Trabalho submetido ao XII Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade: JO 08 Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso)

<sup>2</sup> Aluno líder. Graduando do 8º período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista MEC/SESu no grupo do Programa de Educação Tutorial – PET Facom.  
[caiocardosode@yahoo.com.br](mailto:caiocardosode@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Graduanda do 9º período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora  
[nalupitta@yahoo.com.br](mailto:nalupitta@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Graduanda do 8º período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora  
[gisele.rocha5@hotmail.com](mailto:gisele.rocha5@hotmail.com)

<sup>5</sup> Graduando do 7º período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora  
[junio.nogueira@gmail.com](mailto:junio.nogueira@gmail.com)

<sup>6</sup> Doutoranda em Comunicação na PUC-RIO. Mestre e graduada em Comunicação na UFJF. Professora substituta na Faculdade de Comunicação da UFJF e na Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.  
[ninemaia@hotmail.com](mailto:ninemaia@hotmail.com)

caracterizada por ser um “instrumento de reprodução da prática jornalística vigente ou um veículo para a criação de alternativas em relação ao que existe na sociedade? As duas opções são fundamentais: reproduzir a realidade, criar inovações”, como ressalta LOPES (1989, p. 34).

Dentro desta perspectiva de aliar o treinamento das práticas jornalísticas vigentes à criação de modalidades alternativas de abordagens a temas emergentes que a pauta foi idealizada. Desde o final de 2012 a população de Juiz de Fora tem visto um aumento da quantidade de pixações nos muros e as abordagens até então feitas pelos veículos de comunicação da cidade somente abordavam o aspecto criminal da ação. No início de 2013 o debate se intensificou com operações de rastreamento de pixadores por parte da Polícia Civil e a chegada do tema à Câmara de Vereadores.

A pauta surgiu, então, em fevereiro de 2013 como uma possibilidade de discussão diferente, dadas as abordagens utilizadas pela mídia local no trato do tema. Partido do fato da prisão de algum pixador ou mesmo das operações policiais de abordagem e investigação dessas pessoas, as reportagens do principal jornal impresso da cidade (Tribuna de Minas) e da afiliada da Rede Globo (TV Integração) não conseguiram fazer o debate entre pixação e grafitti ou mesmo da ocupação do espaço público.

Entre a elaboração da pauta, apuração, entrevistas, estruturação textual, produção de material visual (em fotografias), diagramação do texto e revisão, se passaram quatro semanas da construção do trabalho em conjunto por todo o grupo.

## **2. OBJETIVO**

Tendo como objetivo principal o estabelecimento do debate por um viés diferenciado, o objetivo da reportagem é constituir lugar de discussão, além de informar. Segundo Noblat (2008), o jornalista usa suas dúvidas para buscar dados e informar seu público, tanto transmitindo algo como dando instruções e educando, ajudando a formar um pensamento sobre o tema. Ou seja, neste caso buscamos informar a comunidade acadêmica principalmente (dada a circulação do Jornal de Estudos mais concentrada no *campus* da UFJF) sobre uma temática que envolve os estudantes e professores no ambiente externo aos muros da Instituição. Estando todos os moradores afetados por estas modalidades de ocupação do espaço urbano, nossa intenção é iniciar uma discussão que possa se espalhar.

Assim, a proposta desta reportagem tem caráter informativo, mas, sobretudo, de preocupação com a colocação do debate público em torno da pixação e do grafitti,.

Buscamos chamar a atenção e causar impacto na Universidade sobre a questão dessas manifestações, que se espalham pela cidade, da qual a Universidade não pode nem deve se distanciar.

### **3. JUSTIFICATIVA**

A pauta graffiti *versus* pixação foi escolhida a partir do entendimento de que é um assunto de relevância social, que interessa não somente aqueles que fazem parte da Universidade, mas que trabalha com tensões de opiniões externas a ela. É um tema que deve ser abordado nas mais diversas camadas sociais, pois, as necessidades de ocupação de espaços públicos e deixar alguma marca própria são formações muito presentes hoje em dia.

Para buscar o entendimento das questões, nos baseamos em entrevistas com uma urbanista e com a Polícia Civil, estruturando o caminho para conhecer os aspectos formais que envolvem a prática da pixação e da grafiteagem. Porém o debate só se faz de modo mais completo quando o foco desses questionamentos se volta a quem pratica as ações de fato, daí a opção por perguntar aos pixadores e grafiteiros questões essenciais, dando voz a um grupo pouco ouvido. A Associação de Hip Hop, que tem um Graffiti como elemento de suas manifestações, foi fonte consultada e outras pessoas, que já pixaram a cidade contaram suas experiências, colocando em pauta a necessidade de deixar uma marca própria na cidade.

A escolha pela formatação textual da página também tem sua base colocada na especificidade da temática escolhida. A matéria especial do Jornal de Estudos tem local fixo no corpo do informativo, ocupando a página dupla central colorida, isso nos fez pensar, desde o início, em um textos enxutos, que pudessem valorizar a troca da vivência por meio da narração de fatos diversos, como ressaltado por Walter Benjamin (1985). Essas narrações ficam ‘amarradas’ ao tema geral, explicitado em estratégias de diagramação que valorizam o aspecto visual da página como espaço semelhante aos muros da cidade, e um texto informativo geral disposto mais no centro da página.

O texto foi então pensado de modo a valorizar as experiências narradas como possibilidades de aproximação do leitor àquela realidade em detrimento de uma postura de colocação das personagens como formas de ilustrar o texto jornalístico. A humanização do relato, aliado à utilização de um espaço bom no periódico e ao tempo confortável para a execução do trabalho jornalístico buscam aproximar o leitor de um aspecto ainda não

necessariamente explorado desta realidade, visando quebrar as opiniões pré-concebidas. Além disso, explora também a interface de discussão complexa e retorno crítico que a Universidade deve manter com a sociedade em geral.

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Os métodos e técnicas empregados na construção da reportagem seguem em parte o padrão editorial do Jornal de Estudos, veículo com mais de 50 anos de circulação. Após passar por período de reformulação em 2012, o Jornal se estruturou em formato de papel menor do que o utilizado anteriormente tendo agora uma formatação que busca uma maior facilidade de leitura e manuseio do jornal.

Segundo Nelson Traquina, muitas das representações da identidade profissional do jornalista começaram a se configurar, durante o desenvolvimento da imprensa enquanto atividade comercial e do nascimento de um novo modelo de jornalismo no século XIX, que tem como paradigma a informação com base nos fatos – o chamado “jornalismo informativo” (TRAQUINA, 2004b). Porém essa preponderância dos fatos não deve estimular uma estruturação mais complexificada do relato, dado que, na construção da reportagem, a atualização do contexto de surgimento deste dado é de grande importância.

É curioso que o desenvolvimento do jornalismo esteja diretamente relacionado a fenômenos observados nesse estágio das sociedades industriais capitalistas, como o crescimento da população urbana (OLIVEIRA, 2005), visto que as manifestações de grafittis e pixações também surgem de maneira mais clara atualmente, com o estabelecimento desta população no espaço urbano.

Na construção do texto jornalístico, procuramos especialistas de várias correntes de informação e interpretação, os diversos atores que podem se relacionar no contexto a ser reportado. Buscamos compreender quem estaria apto a discutir as pixações, tendo como base o aspecto legal, com o Ministério Público, os dados de investigação da Polícia Militar – durante a execução da matéria houve uma entrevista coletiva dos delegados pra tratar dessas investigações – e pessoas aptas a discutir o espaço coletivo, caso de urbanistas. Neste caso, está se procurando, acima de tudo, estabelecer os conceitos que guiam o pensamento comum, não nos comportamentos. (MEDINA, 2008)

Porém, a escolha pela valorização de um relato mais humanizado fez com que o espaço destas fontes oficiais fosse reduzido, no comparativo com o que é observado na mídia local. No lugar disso, a sobreposição de narrações e relatos de experiências próprias

dos atores envolvidos na discussão; a estruturação de textos mais isolados, conectados pela temática e pelo estilo, além do estabelecimento de um debate público em contramão ao praticado na imprensa local, tornaram-se grandes desafios às práticas convencionais do jornalismo e até mesmo ao modelo praticado no Jornal de Estudos.

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como já abordado no presente trabalho, a pauta foi sugerida, discutida e elaborada no início das atividades da segunda edição do Jornal de Estudos, a ser elaborado pela turma, na segunda metade do segundo semestre letivo de 2012 na disciplina de Técnica de Produção em Jornalismo Impresso, sob a coordenação da professora Professora Ms. Aline Maia.

A sistemática de proposição de pautas era bastante simples. Cada aluno, dividido em editorias, deveria estruturar a sua pauta discutindo com a professora Aline o tema, o enfoque e abordagem, as fontes. Assim que as idéias estavam organizadas, a orientadora decidia pela aprovação ou não da pauta em conjunto com um estudante responsável pelo trabalho de edição mais próximo aos outros estudantes que abordariam o mesmo tema, solicitava-se então a execução de mais reportagens do que o necessário para a edição.

O Jornal de Estudos é composto por 16 páginas e possui as editorias de: Opinião; Campus; Pesquisa; Cidade. Especial; Esporte; Entrevista; Comportamento; Arte e Lazer e, na contracapa, um Ensaio fotográfico temático. Algumas seções podem variar de local e de tamanho de acordo com a demanda da edição, como nesta, na qual a editoria ‘Pesquisa’ deu lugar a uma página a mais de ‘Campus’ devido à presença de temáticas grandes como a greve dos professores da Rede Federal de Ensino. Esta edição do Jornal de Estudos abrange: Opinião (página 2); Campus (páginas 3, 4 e 5); Cidade (páginas 6 e 7); Especial (páginas 8 e 9); Esporte (páginas 10 e 11); Entrevista (página 12); Comportamento (página 13); Arte e Lazer (páginas 14 e 15) e o Ensaio fotográfico com tema ‘Viagens’ (página 16).

A pauta graffiti *versus* pixação foi executada, pelo mesmo grupo de estudantes, em paralelo com outra pauta pensada para a mesma editoria e somente foi definida como material a ser publicado quando do fechamento de ambas as matérias. A reportagem especial, em página dupla, traz o assunto pixação e graffiti em texto central, explicando as bases de discussão que o conjunto de textos deseja produzir.

Neste trecho, portanto, tem-se como fontes: uma urbanista na discussão sobre o papel que estas formas de manifestação, seja por meio do graffiti ou da pixação, têm na forma por meio da qual pensamos e agimos sobre a cidade. Além disto, o aspecto legal que tem pautado o tema na cidade não foi ignorado, sendo necessária a presença da autoridade policial – neste caso a Polícia Civil – devido a investigações que têm ganhado destaque na cidade. Para que esta discussão não se restringisse ao que já tem sido feito, trouxemos também a opinião de duas pessoas que se sentem afetadas pelas pixações, uma de modo negativo e outra de modo mais neutro, de modo a incluir, no relato, personagens que dialogam com a maior parte daqueles que presumimos serem os leitores do Jornal.

Além do texto central, dividido em duas estruturas, o apelo por uma nova roupagem na organização visual da reportagem dentro do tema foi algo latente. A opção foi deixar a manchete em destaque, com uma grande foto de um muro grafitado em interação com a cidade (não grafitada) e este texto central ocupando lugar ao lado da fotografia principal, sendo dividido e também encaixado em espaço abaixo desta imagem. A divisão do texto entre a primeira e a segunda página, assim como as fontes de títulos e manchetes, é marcada pela escolha de um item pequeno de apelo visual associado às pixações e graffitagens e que, em conjunto com uma imagem de fundo semelhante a um muro têm a intenção de situar o leitor em um espaço diferente àquele normalmente desempenhado pelo jornal.

A primeira página da reportagem tem um texto intitulado ‘Para entender’ que serve de guia à leitura do material. Nos baseando em uma entrevista com um pixador, procuramos compreender quais são as tensões entre pixação e graffiti, inclusive na grafia escolhida pelo grupo como padrão de uso das palavras. Neste texto, assim como nos demais, a opção pelo anonimato dos entrevistados foi explicitada como algo necessário, pois o material jornalístico produzido não deve ser usado contra as fontes, em caso de aplicação da lei.

Ainda na ‘primeira página’ da reportagem há um *Box* destacado do texto restante por um quadro de cor diferente e cor de fonte também diferente no qual outro entrevistado, também pixador, discute essa tensão entre as manifestações como uma questão de ordem pública, não de escolha artística. Este é um dos pontos que coloca a produção do Jornal de Estudos em posição contrária àquela encontrada na mídia local, já que este debate se presta a discutir as questões de arte em paralelo com aquelas de ordem pública.

Na outra página da reportagem, há o relato mais humanizado deste material jornalístico: a experiência de uma pixadora, na qual ela conta qual a forma de suas intervenções e os seus motivos. A perspectiva da discussão colocada pelo outro relato dá

lugar a uma visão mais pessoal, um debate dessa ocupação da perspectiva de quem tanto faz quanto se afeta com as intervenções. As questões colocadas são de foro mais íntimo, servindo ao propósito de colocar o leitor numa posição contrária àquela que normalmente ele ocupa.

## 6. CONSIDERAÇÕES

Consideramos que mais do que trabalhosa, a produção de uma reportagem especial, com tema tão amplo e de relevância, foi gratificante entender algumas questões relativas ao tema. Alguns desses esclarecimentos foram sentidos já dentro da redação do Jornal de Estudos, como a questão das grafias, de uma redução da diferenciação entre graffiti e pixação por parte dos que os fazem e mesmo a discussão em torno do anonimato necessário das fontes fizeram parte da construção de um fazer jornalístico diferenciado.

Além de fazer a pauta, a apuração, o texto e a edição da reportagem, a equipe revisou os textos da matéria, propôs itens para a diagramação e discutiu todas essas ações o tempo todo com a orientadora afim de justificar e defender o conhecimento adquirido pela equipe com o andamento da rotina de produção. Para realizar essa reportagem foi necessária, além da união no grupo, interesse e conhecimento teórico em jornalismo, métodos de aproximação do relato e a consciência das possibilidades de aliar a prática profissional, esperada pelo mercado de trabalho às novidades que podem emergir das novas sugestões feitas no espaço da academia.

O entendimento de todo o processo que compõe a reportagem perpassou toda a construção da reportagem por parte do grupo, visto que a temática exigia uma abordagem que fosse visualmente atrativa sem perder a nítida intenção de estabelecer o debate público. Além das contribuições à nossa compreensão da rotina e das práticas jornalísticas, a execução da reportagem agregou também conhecimentos sobre o tema tratado, provocando a curiosidade no jornalista, esteja ele em formação ou já no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **O narrador — considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221. 1985.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7.ed., São Paulo: Contexto, 2008.

**OLIVEIRA, M. R. A emergência do jornalismo informativo e a construção de representações da identidade profissional.** Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro, Brasil, 2005.

**TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004b.** Volume 1

**WOLF, Mauro. Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.